

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Trégua no mercado de petróleo	2
Título: Preços do petróleo derretem nos EUA e barril é negociado abaixo de zero	3
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	5
Título: Investidor paga para se livrar de petróleo, e barril recua para US\$ 37,63 negativos....	5
Título: Preço negativo não é sinal do fim dos tempos, mas é mais um indício de que esta crise é singular	7
Título: Governo estuda como reduzir alta na conta ao socorrer elétricas	9
VEÍCULO: O Globo	10
Título: Mudança de patamar deve afetar investimentos no Brasil.....	10
Título: Derrocada histórica.....	12
Título: Feliz no futebol, feliz nos negócios	14
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	15
Título: Ninguém quer comprar petróleo	15
Título: Guedes otimista com retomada	16

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 21/04/2020****Seção: Notas e Informações****Autor:****Título: Trégua no mercado de petróleo**

Após semanas de impasse, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e Aliados (Opep+) finalmente chegou a um acordo sobre a necessidade de cortes na produção diária com vistas a conter a queda dos preços do óleo no mercado mundial. Dois dias antes, os ministros de Energia dos países que compõem o G-20 realizaram uma reunião extraordinária com o mesmo objetivo. A urgência de ambos os encontros (virtuais, diga-se) mais do que se justificava.

Na última semana de março, os contratos futuros do Brent para maio eram negociados a US\$ 26,34 o barril na ICE, em Londres. O West Texas Intermediate (WTI), referência nos Estados Unidos, ficou em US\$ 20 o barril. Sob a perspectiva da oferta, seria ingênuo esperar que o acordo da Páscoa represente o fim das tensões geopolíticas que crispam as relações entre alguns países-membros da Opep+ e que já vinham pressionando os preços para baixo. O entendimento é uma trégua pontual que ajuda a diminuir a alta volatilidade do setor ocasionada pela repentina alteração na demanda por óleo nos últimos dois meses.

Os efeitos da pandemia de covid-19 na atividade econômica – indústrias fechadas ou funcionando parcialmente, aviões em solo e menos automóveis nas ruas – reduziram drasticamente a demanda por petróleo no mundo inteiro, sobretudo na China. De acordo com a Bloomberg, a demanda chinesa por petróleo caiu 20%, de 15 milhões para 12 milhões de barris por dia (bpd). Analistas do setor estimam que o consumo mundial do óleo (aproximadamente, 100 milhões de barris diários) tenha caído cerca de 25% no curso de uma crise que está apenas no começo.

Até agora, a pandemia de covid-19 levou à maior queda de demanda por petróleo desde a crise financeira global de 2008. Sob uma tempestade perfeita – conhecidas tensões geopolíticas e uma superveniente emergência sanitária –, não eram poucas as empresas do setor de óleo e gás que estavam ameaçadas de falência caso os países-membros da Opep+ não chegassem a um entendimento rapidamente. A reboque, todas as instituições financeiras que investiram bilhões de dólares nestas companhias nos últimos anos também estavam expostas a enorme risco, o que poderia elevar a gravidade da crise global ocasionada pelo novo coronavírus a um patamar inimaginável.

“A atual crise do mercado de petróleo é um choque sistêmico que ameaça a estabilidade econômica e financeira global. Requer, portanto, uma resposta global. Por esta razão, o G-20 é o fórum indispensável para o exercício de uma liderança decisiva diante da urgência”, afirmou Fatih Birol, diretor executivo da Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês). O apelo feito por Fatih Birol tinha destinatário certo: os Estados Unidos.

Na última cúpula do G-20, o desentendimento entre Rússia e Arábia Saudita foi solenemente ignorado, o que fez desabar ainda mais os preços do petróleo. Riad vinha insistindo em inundar o mundo de petróleo a despeito da redução expressiva na demanda, o que confrontava diretamente os interesses de Moscou. Era esperado que os Estados Unidos usassem a cúpula do G-20 para pressionar os sauditas a pôr fim à disputa de preços com a Rússia, o que não ocorreu.

Pelo acordo celebrado, classificado como “histórico” pelo secretário-geral da Opep, Mohammed Barkindo, os países-membros da Opep+ se comprometeram em reduzir a produção até um total de 9,7 milhões de barris por dia nos meses de maio e junho. **O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, que participou da reunião do G-20, celebrou a assinatura do acordo.

“O Brasil cumprimenta a Arábia Saudita e a Opep+ por um acordo que contribuirá para a estabilização do mercado de petróleo”, disse o ministro. Pelo Twitter, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, saudou a Opep+ e, em especial, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, e o rei saudita, Salman bin Abdulaziz Al Saud, pelo “ótimo acordo para todos”. Nada mau para governos que até bem pouco vituperavam contra toda e qualquer ação de colaboração multilateral.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 21/04/2020

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes / RIO Wagner Gomes / SÃO PAULO

Título: Preços do petróleo derretem nos EUA e barril é negociado abaixo de zero

Contratos para entrega do produto em maio negociados na Bolsa americana caíram 305,9% e, pela primeira vez na história, fecharam no campo negativo – de menos US\$ 37,63; parada da atividade econômica e excesso de estoques, como reflexo do coronavírus, explicam resultado

Pela primeira vez na história, o preço do petróleo negociado nos Estados Unidos fechou com valor negativo, refletindo a forte contração da atividade econômica

e o excesso de estoques do produto provocado pela pandemia do novo coronavírus. Os contratos para entrega em maio do óleo tipo WTI – referência no mercado americano – desabaram ontem 305,9% na Bolsa de Nova York e fecharam cotados a US\$ 37,63 negativos. Ainda na Bolsa, os contratos para junho foram negociados a cerca de US\$ 20 o barril, o que representou uma queda de 18,40%. Já o óleo Brent, em Londres, também para entrega em junho, encerrou o dia em baixa de 8,94%, a US\$ 25,57 o barril. No mercado futuro, o investidor coloca dinheiro em títulos de empresas petroleiras com a garantia de que, em poucos meses, vai poder receber o petróleo pelo qual pagou. Se a commodity estiver em alta, esse investidor pode revender o título a terceiros a um valor mais alto do que pagou inicialmente por ele.

Ontem, porém, os investidores não só não acharam novos interessados pelos papéis como também preferiram morrer com o título na mão, em vez de resgatar o petróleo pelo qual teriam direito. Do contrário, precisariam arcar com prejuízo ainda maior por conta do custo extra de armazenamento. Perspectiva. Para Edmar Almeida, professor do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador do Instituto de Energia da PUC (Iepuc), o mercado futuro deve conviver por mais quatro meses com a desvalorização da commodity e, até mesmo, com a negociação de novos contratos a preços negativos. “Os EUA são a vítima da crise que provocaram, ao reduzir os custos de produção e encher o mercado de petróleo, gerando um desequilíbrio entre oferta e demanda”, diz ele, acrescentando que a única solução é fechar poços produtores.

A visão do economista e coordenador técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo e Gás (Ineep), Rodrigo Leão, é de que a China também contribuiu com a queda abrupta da cotação do petróleo e que não deve ajudar na recuperação tão cedo. O especialista argumenta que o país asiático aumentou a importação no mês passado para ampliar seu estoque e a expectativa é que não volte às compras no mês que vem. Além do excesso de estoque, os especialistas dizem que a queda de preços nos EUA também reflete outro fator: a avaliação de que o acordo anunciado há cerca de duas semanas pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (Opep+) – para cortar a produção em 9,7 milhões de barris por dia – foi insuficiente para elevar os preços da commodity. Visto inicialmente como positivo, o corte equivale a 10% da oferta global. A própria Opep admite que a demanda pelo produto deve cair em 6,8 milhões de barris por dia até o fim do ano.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data:** 21/04/2020**Seção:** Mercado**Autor:** Júlia Moura e Nicola Pamplona**Título:** Investidor paga para se livrar de petróleo, e barril recua para US\$ 37,63 negativos

Contrato para maio entra em colapso, com falta de demanda e espaço para estocar matéria-prima

São Paulo e Rio de Janeiro - O contrato futuro de maio do barril de petróleo WTI (West Texas Intermediate), referência nos Estados Unidos, colapsou nesta segunda-feira (20), antes do seu vencimento nesta terça (21) e pela primeira vez na história fechou no terreno negativo.

O cenário reforça o desequilíbrio entre a oferta e demanda global e, segundo analistas, sinaliza para uma retomada de preços mais lenta, o que pode reforçar medidas de cortes de custos e suspensão de investimentos no setor.

O barril no tipo WTI fechou o pregão da Bolsa de Chicago a -US\$ 37,63 o barril. Isso significa, na prática, que os investidores estão pagando para se livrar da obrigação de receber os barris ao fim do vencimento.

Nos mercados futuros, como o de petróleo, compra-se o direito de receber o produto ao fim de determinado prazo —nesse meio-tempo, pode-se negociar os papéis para realizar lucros em momentos de alta, ourolar para novos contratos com prazo maior, mas as posições abertas no dia do vencimento envolvem entregas físicas do produto.

Nesse caso, o vencimento dos contratos se dá em meio a um cenário de queda histórica na demanda e estrangulamento da capacidade de estocagem, o que provocou uma correria entre os que estavam em posição comprada para se desfazer dos papéis.

“Ninguém quer o petróleo na mão, o estoque americano está no máximo do máximo. Para quem tem como estocar, vale apenas comprar, mas ninguém sabe por quanto tempo terá que guardar o óleo”, diz Alexandre Cabral, professor do Ibmec.

“É como se o produtor de petróleo estivesse pagando para alguém levar sua produção porque não tem mais onde estocar”, diz a diretora da Escopo Energia, Lavínia Holanda. “É uma anomalia, que nunca tínhamos visto antes.”

Cabral aponta que também contribuíram para a pressão vendedora os mecanismos de “stop loss” (interrupção de perdas, em inglês), que são vendas automáticas de fundos de investimento quando determinado ativo atinge o limite de perda aceitável.

Para não ter mais prejuízo, o fundo se desfaz de todos os papéis do ativo, independentemente do preço. Com grandes ordens de venda, o preço cai ainda mais.

Especialistas dizem que, embora inédito e preocupante, o fechamento negativo reflete uma pressão pontual pelo vencimento dos contratos de maio.

O contrato de WTI com vencimento em junho, por exemplo, teve uma queda menos expressiva, de 18,4%, a US\$ 20,43.

Já o barril de petróleo Brent de junho, negociado na Bolsa de Londres e referência internacional, caiu 8,9%, a US\$ 25,57, menor valor desde 1º de abril. O contrato do Brent e maio venceu em 31 de março.

Ainda assim, é um indicador de que os preços internacionais do petróleo demorarão a se sustentar, já que o ritmo da retomada do consumo é incerto e há elevados estoques no mundo.

No centro de entregas de Cushing, em Oklahoma, o principal dos Estados Unidos, estão estocados 55 milhões de barris, perto da capacidade máxima de 76 milhões de barris. Além disso, há 160 milhões de barris, também um recorde, armazenados em navios, como alternativa para a falta de capacidade em terra.

No ano, o petróleo sofre uma forte desvalorização, de cerca de 60%, com a guerra de preços entre Rússia e Arábia Saudita e a desaceleração econômica devido a medidas de combate ao coronavírus.

Os países exportadores chegaram a um acordo para reduzir em 9,7 milhões de barris por dia a produção a partir de maio, mas o mercado já tem dúvidas sobre a hipótese de o volume ser suficiente para acomodar os preços —no mercado, fala-se que a redução da demanda pode chegar a 30 milhões de barris por dia.

A forte queda da commodity derrubou as principais Bolsas globais. Nos EUA, Dow Jones caiu 2,4%, S&P 500, 1,5%, e Nasdaq, 1%.

No Brasil, o Ibovespa fechou estável, a 78972 pontos. As ações preferenciais (mais negociadas) da Petrobras caíram 1%, a R\$ 15,95, enquanto as ordinárias (com direito a voto) tiveram queda de 0,9%, a R\$16,55.

O analista da corretora Ativa Ilan Arbetman diz que, por ter 70% de sua receita com vendas no Brasil e a China como principal cliente das exportações, a estatal sentiu menos a variação nas Bolsas nesta segunda-feira.

A empresa já havia anunciado corte de investimentos, suspensão de dividendos, redução de salários e produção, além de um empréstimo de R\$ 40 bilhões para enfrentar a crise. Arbetman diz, porém que a manutenção de preços tão baixos vai exigir medidas mais profundas. “Agora é pensar na subsistência.”

Holanda acrescenta que o cenário atual deve levar a postergações de investimentos na exploração de petróleo no país, interrompendo retomada ensaiada nos últimos anos, após os primeiros leilões do pré-sal do governo Temer.

“Tinha gente na indústria montando equipe, contratando serviços...”, afirmou. Com a perspectiva de adiamento de investimentos exploratórios, ela vê impacto no emprego do setor.

No pregão desta segunda, o dólar comercial fechou em alta de 1,3%, a R\$ 5,3080, maior valor desde 3 de abril, quando a divisa foi ao recorde de R\$ 5,3270. Na máxima da sessão, foi a R\$ 5,3210. O turismo está a R\$ 5,60 na venda.

Além da turbulência do mercado externo, a moeda reflete a tensão política brasileira, após líderes do Legislativo e Judiciário repudiarem a participação de Jair Bolsonaro de ato pró-golpe no domingo (19). Com Reuters

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 21/04/2020

Seção: Mercado

Autor: Rodrigo Zeidan

Título: Preço negativo não é sinal do fim dos tempos, mas é mais um indício de que esta crise é singular

Opinião

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ

O preço petróleo para contratos a serem entregues em maio terminou cotado a negativos U\$ 37,60. Preços negativos não deveriam ser possíveis. Afinal, quem pagaria para que alguém levasse seu produto?

Seria culpa da crise? Estaríamos perto do apocalipse? Felizmente, esse acontecimento único não é sinal do fim dos tempos e não deve se repetir, mas é mais um indício de que esta crise é singular.

Um contrato futuro é um acordo em que compradores e vendedores se comprometem a entregar e receber um produto a determinado preço, em um período de tempo. Nos contratos que acabaram com preços negativos, cada um era um compromisso de compra e venda de mil barris, com entrega física nos oleodutos de Cushing, Oldahoma, EUA.

Ou seja, o agente que tivesse posição comprada deveria estar pronto para começar a receber o petróleo em 1º de maio, com o total sendo transferido até o último dia do mês.

Mas a crise da Covid-19 criou um problema no mercado. Com muitos estados em quarentena, a demanda pelo produto despencou. Por isso, as distribuidoras de alguns lugares, como Oklahoma, estão com estoques cheios. Assim, seria impossível a entrega física do produto em maio. Não haveria onde recebê-lo.

Os preços finais negativos envolvem principalmente investidores ou empresas (inclusive aéreas) que se protegem ou apostam na variação do preço do óleo. Nesta segunda (20), se encerrou o período de negociação dos contratos com entrega em maio.

A forma normal de encerrar um contrato de mercados futuros é tomar a posição contrária. Se um agente tem dez contratos de compra, basta tomar uma posição em dez contratos de venda e liquidar a posição. Não encerrá-la significaria uma obrigação de receber o petróleo. Contudo, não haveria onde estocar o produto.

Então, quem tinha contrato de compra em aberto foi obrigado a achar posição de venda, custasse o que custasse. Isso levou o petróleo para entrega em maio a ficar negativo.

Para quem tinha a obrigação de comprar petróleo e não tinha como fazê-lo, a conta foi simples: seria mais caro pagar por armazenagem do produto ou tentar achar uma posição contrária a qualquer preço? As posições foram encontradas, mas a preços negativos; ou seja, agentes pagaram US\$ 37,60 por barril pelo direito de não precisar receber óleo que não teriam onde estocar.

Quem se deu bem foi quem tinha a posição vendida. No dia anterior, o preço estava em US\$ 18,2. Como fechou a US\$ 37,6, cada contrato gerou US\$ 55,8 de lucro por barril.

Num dia normal, não haveria corrida por posições opostas — bastaria pagar um intermediário e vender o produto para uma distribuidora. Os preços não cairiam abaixo de zero.

Em inglês, o que se deu nesta segunda se chama “settlement squeeze”, um aperto aos investidores com posições compradas. Isso não deve acontecer de novo. Ninguém vai deixar para fechar sua posição na última hora.

Ainda assim, o que aconteceu nesta segunda vai ficar para a história: o dia em que poder comprar petróleo foi o melhor negócio do mundo.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 21/04/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: Governo estuda como reduzir alta na conta ao socorrer elétricas

Rio de Janeiro - A Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) apresentou uma série de alternativas para tentar reduzir os impactos na conta de luz do pacote de socorro ao setor elétrico em gestação no governo. Entre elas, estão o uso de saldos de fundos setoriais e a extensão de outorga a geradores de energia.

O setor sofre com a queda na demanda e o aumento da inadimplência após o isolamento social para enfrentar a pandemia. Entidades ligadas a consumidores temem, porém, que a conta fique como consumidor e já falam em impacto de até 20% na conta de luz.

“Considerando que os efeitos da crise possuem o potencial de aumentar as tarifas, entende-se que se busquem novas formas de custeio para a amortização de eventual operação financeira, como aportes do Tesouro ou créditos subsidiados, de modo a mitigar o impacto tarifário futuro”, diz a Aneel, em nota, na sexta (17).

À Folha o **secretário de energia do Ministério de Minas e Energia, Rodrigo Limp**, disse no domingo (19) que o foco é calcular o tamanho do rombo e avaliar todas as alternativas para reduzir os impactos na conta de luz. Nesse sentido, o uso dos fundos setoriais que sustentam subsídios, geração térmica ou investimentos em inovação podem ser usados.

Segundo as contas da Aneel, há R\$ 1,3 bilhão de saldo na conta das bandeiras tarifárias, cobradas na conta de luz para pagar usinas térmicas em períodos de seca. Os encargos para investimentos em pesquisa e desenvolvimento ou eficiência energética têm outros R\$ 3,3 bilhões.

Esses dois devem gerar em seis anos, R\$ 17,8 bilhões, em estimativa conservadora feita pela agência, que também podem ser usados. “O que estamos analisando é usar parcelas de recursos de fundos para amenizar impactos tarifários. Não só em 2020 mas no médio e longo prazo”, diz Limp.

A crise gerou no setor elétrico problema de liquidez: com menos vendas e mais inadimplência, as distribuidoras recebem ficam com menos dinheiro para pagar seus compromissos com geradores, transmissores e impostos.

O governo tentou reduzir o problema, com a transferência de R\$ 900 milhões do Tesouro para pagar contas de consumidores de baixa renda e a liberação às distribuidoras de R\$ 1,5 bilhão de saldo de negociações no mercado livre.

A solução em debate é a busca por empréstimo com BNDES e um sindicato de bancos para garantir recursos no curto prazo. O mercado fala em valor superior a R\$ 10 bilhões.

Limp não quis fazer estimativa do impacto do socorro às contas de luz. “Se tudo for para o consumidor e não houver diluição em muitos anos [o reajuste] vai a 20%”, diz o presidente da Abrace (Associação dos Grandes Consumidores de Energia), Paulo Pedrosa.

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/04/2020

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Mudança de patamar deve afetar investimentos no Brasil

Aposta no pré-sal fica menos atraente, e arrecadação de royalties cai

A derrocada do preço do barril do tipo WTI deve ter impacto sobre os projetos de investimento da indústria de óleo e gás no Brasil, principalmente do pré-sal, segundo especialistas.

De acordo com Décio Oddone, ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo (ANP), a queda do WTI arrasta para baixo as cotações do Brent e ameaça a viabilidade de investimentos no país:

— A queda do preço pode prejudicar a retomada da indústria de petróleo no Brasil.

Para Adriano Pires, especialista do Centro Brasileiro de Infraestrutura, essa mudança de patamar vai adiar projetos de desenvolvimento do pré-sal, e o país não deve alcançar a meta de chegar a 7 milhões de barris diários em dez anos.

Ele destaca que a retração nas cotações vai afetar a arrecadação de royalties. O montante deve recuar 40% este ano:

— A Petrobras e as demais petroleiras já anunciaram redução de investimentos. O petróleo abaixo de US\$ 30 afeta todos os projetos do pré-sal. Os investimentos serão reduzidos, em alguns projetos mais, em outros menos. Petróleo abaixo de US\$ 30 o barril não remunera investimento em lugar nenhum no mundo.

Ainda assim, Pires avalia que, com a retomada gradual da demanda, o preço do produto pode alcançar os US\$ 50 no segundo semestre.

Os planos da Petrobras foram elaborados para o cenário de barril a US\$ 40, em média. Recentemente, o presidente da companhia, Roberto Castello Branco, disse estar cortando custos para lidar com cotações de US\$ 20 a US\$ 25.

O chefe de pesquisa da área de Exploração e Produção de Petróleo para América Latina da consultoria Wood Mackenzie, Marcelo de Assis, avalia que as cotações do WTI deverão permanecer bem baixas nas próximas duas semanas, em razão da queda na demanda por combustíveis nos EUA:

— Os contratos futuros estão expirando. É óleo que tem contrato para ser entregue, mas fisicamente não tem onde entregar. A estocagem americana está bastante cheia, principalmente em Oklahoma.

Oddone disse que a queda dos preços do WTI vai jogar para baixo a cotação dos derivados, como gasolina e diesel, já que os preços de referência de paridade com importação usados pela Petrobras são contratos nos EUA. A importação de diesel, gasolina e GLP é formada com base no preço de contratos no Golfo do México.

— Em compensação, os preços da Petrobras para exportação, royalties e participações especiais têm o Brent como referência. Estes preços não estão sofrendo essa crise aguda como nos EUA—disse Oddone.

Para Marcelo de Assis, a Petrobras já vinha se preparando para enfrentar um cenário de petróleo na faixa de US\$ 20:

— A empresa já cortou produção. Agora é aguardar a retomada da demanda.

Na avaliação de Claudio Pinho, especialista em petróleo, o Brent não deve voltar ao patamar de US\$ 50 no segundo semestre, o que influenciará projetos futuros no Brasil:

— Devemos esperar um período mais longo de petróleo abaixo de US\$ 30.

VEÍCULO: O Globo**Data: 21/04/2020****Seção: Economia****Autor: RENNAN SETTI, JOÃO SORIMA NETO E GABRIEL MARTINS****Título: Derrocada histórica**

Petróleo fecha abaixo de US\$ 0 pela 15 vez. Produtores pagam para se desfazer do produto

Depois dos juros negativos, preços abaixo de zero para a mais importante das commodities entram agora para o folclore das grandes recessões. A cotação do barril de petróleo do tipo WTI (West Texas Intermediate), referência do mercado americano, fechou ontem em terreno negativo pela primeira vez na História, com a pandemia deprimindo a atividade econômica e provocando excesso de oferta a ponto de não haver mais espaço físico para armazenar a commodity. Os produtores americanos preferem, na prática, pagar para comprarem sua produção no curto prazo, o que acionou o alarme para a indústria de petróleo em todo o mundo.

Negociado por meio de vários contratos, cada um com um prazo de entrega do produto, o barril do WTI que terminou a sessão no vermelho foi o de mais curto prazo, para entrega em maio. O contrato, que havia começado o dia valendo US\$ 18,27, encerrou a US\$ 37,63 negativos. No pior momento do pregão, chegou a valer US\$ 40,32 negativos.

Segundo analistas, os investidores fugiram do contrato de maio porque ele será o mais impactado pela quarentena, que faz despencar a demanda dos americanos por derivados de petróleo. Tanto que o contrato para entrega em junho fechou valendo US\$ 20,43. Além disso, o contrato de maio vence hoje, adicionando urgência à venda.

“As consequências da queda da demanda colocaram uma aversão permanente a qualquer um que possua petróleo no curto prazo”, explicou, em relatório, Edward Moya, analista da corretora Oanda.

Mas o fosso entre os dois contratos também mostra como o coronavírus já faz com que a indústria petrolífera americana, que se tornou a maior do mundo, esbarre em seus limites físicos.

Os contratos futuros do WTI são convertidos em petróleo de verdade na cidade de Cushing, Oklahoma, onde fica um hub de armazenagem. Com a demanda deprimida, a capacidade dos tanques se esgota rapidamente. Há um mês,

metade do espaço ainda estava livre; hoje, o percentual é de apenas 31%. Os especialistas preveem que não caberá mais petróleo em Cushing da qui a poucas semanas. Assim, quem tem petróleo para vender hoje prefere, na prática, pagar alguém para levá-lo do que não ter onde armazená-lo.

— Diferentemente do barril do tipo Brent, o WTI é produzido em terra e tem escoamento mais difícil em tempos de quarentena — destacou Ricardo Kazan, sócio e gestor da Novus Capital.

Referência internacional, inclusive para a Petrobras, o Brent é produzido no Mar do Norte, permitindo aos traders movimentar o estoque por vias marítimas, enviando a commodity para onde houver maior demanda e capacidade de armazenamento disponível. Sem enfrentar a restrição de estocagem do WTI, o Brent caiu 9% ontem, negociado aUS\$ 25,57.

—Na região onde o Brent é referência, além de o escoamento ser pelo mar, há maior proximidade com países como Índia e China, cujas restrições são menos intensas que a dos EUA, novo epicentro da Covid-19 —disse Ilan Arbetman, da Ativa Investimentos.

Mas o coronavírus provoca uma disrupção global no mercado de petróleo, com a demanda pela commodity no mundo 30% abaixo da média. Na semana passada, em acordo histórico, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), a Rússia e outros produtores concordaram em cortar a oferta em 9,7 milhões de barris por dia. O acordo foi apoiado pelo presidente dos EUA, Donald Trump, preocupado com os efeitos da queda livre das cotações na indústria americana. Mas o corte só começará em maio e representa uma diminuição de apenas 10% na produção internacional —um terço do necessário para compensar o recuo da demanda.

DÓLAR VAI A R\$ 5,30

Em coletiva de imprensa ontem, Trump, afirmou que considerava aproveitar a queda do petróleo para “completar” a reserva estratégica de emergência do país com mais 75 milhões de barris. Trump também atribuiu à especulação financeira a cotação negativa do WTI e disse que iria avaliar a proposta de um senador para bloquear a importação de petróleo saudita para os EUA.

O derretimento do petróleo provocou tombos entre as ações de petroleiras americanas, como Exxon Mobil (queda de 4,72%) e Chevron (4,13%), fazendo o índice Dow Jones cair 2,44%. O S&P 500 e Nasdaq perderam, respectivamente, 1,79% e 1,03%. Os investidores buscaram proteção no dólar, que fechou em alta de 1,33%, a R\$ 5,307.

Na Bolsa brasileira, porém, o impacto foi pouco sentido. O Ibovespa terminou estável, aos 78.972 pontos, apesar de um recuo de 1,12% nas ações preferenciais (PN, sem voto) da Petrobras.

Petrobras reduz preço da gasolina

- > A Petrobras anunciou que vai reduzir o preço da gasolina na refinaria em 8% e os do diesel em 4% a partir de hoje diante da derrocada na cotação do barril de petróleo.
- > No ano, o preço da gasolina já recuou 52,3%, vendida a R\$ 0,91 por litro. Já o diesel acumula queda de 38%, vendido a R\$ 1,45 por litro. A redução anunciada ontem foi a 12ª nos preços da gasolina este ano e a 7ª anos do diesel.
- > O impacto na economia por conta da pandemia continua derrubando o consumo de petróleo e combustíveis no mundo.
- > Há uma semana os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), junto com produtores não membros do cartel, fecharam acordo para reduzir a produção mundial em 9,7 milhões de barris por dia. Mas isso não resultou em aumento de preços.
- > O repasse ao consumidor da redução de preços da Petrobras nas refinarias não é imediato. Além disso, a parcela da estatal representa apenas 20% do preço final do produto.
- > E o repasse depende dos estoques das distribuidoras e postos, que estariam abarrotados de produtos por causa da forte queda do consumo nas últimas semanas.
- > Faz parte também dos preços finais a carga de impostos federal e estadual (ICMS), além das margens dos distribuidores e revendedores. (Ramona Ordonez)

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/04/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Feliz no futebol, feliz nos negócios

Rodolfo Landim, presidente do Flamengo, tem sorte e não só com o clube.

Na véspera do carnaval, ele vendeu a Ouro Preto, sua empresa de petróleo, com o preço do barril a uns US\$ 50.

Ontem, o petróleo Brent, valor de referência internacional, caminhava para uns US\$ 20.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 21/04/2020

Seção: Economia

Autor: Alessandra Azevedo e Jailson Sena

Título: Ninguém quer comprar petróleo

Pela primeira vez na história, o preço do petróleo no mercado futuro caiu abaixo de zero, ontem. No último dia antes do vencimento dos contratos com entrega para maio, com o mundo parado diante da pandemia de coronavírus, os investidores internacionais fizeram o possível para se livrar dos papéis. O barril do óleo do tipo West Texas Intermediate (WTI), negociado nos Estados Unidos, terminou o dia cotado a US\$ 37,63 negativos. Significa dizer que os investidores estavam, literalmente, pagando para não receber o produto.

Ao fim do pregão, os contratos ficaram 305,97% mais baratos do que na sexta-feira, quando fecharam o dia sendo negociados a US\$ 18,27, cotação que já era a menor em 18 anos. Há um ano, o mesmo barril custava US\$ 66. O desespero dos investidores reflete um mercado inundado de óleo e sem quem queira comprá-lo ou tenha onde estocá-lo.

Hoje, 160 milhões de barris estão em navios-tanques, o número mais alto da história, segundo a agência de notícias Reuters. No auge da crise de 2008, eram 100 milhões. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e aliados, como a Rússia, fizeram um acordo, em 12 de abril, para cortar 10% da produção, para tentar reverter o quadro, mas o número ainda não é suficiente.

Diante desse cenário, e sem perspectivas para o fim da pandemia, os contratos para junho do WTI fecharam o dia também a preços baixos, cotados a US\$ 20,43, o barril, uma queda de 18,4%. O contrato do óleo Brent, negociado em Londres, com vencimento em junho, caiu 8,94%, com barril sendo negociado a US\$ 25,57. Como a Petrobras usa o Brent como referência, os papéis não foram muito afetados. A queda chegou a 1,36% nas ações preferenciais (PETR4) e a 1,02% nas ordinárias (PETR3).

Mercado

Com a piora das bolsas americanas, a Ibovespa teve baixa e operou instável na véspera de feriado. A bolsa abriu em queda de mais de 2%, chegou a subir mais

de 1% e superar os 80 mil pontos no início da tarde. Às 16h21, o índice tinha desvalorização de 0,33%, a 78.726 pontos. O dólar comercial teve a segunda maior cotação da história, com uma alta de 1,4%, e fechou a R\$ 5,309 na venda.

O desempenho da moeda foi afetado pelo dia negativo nos mercados financeiros no mundo, provocado pelo colapso dos preços do petróleo a mínimas históricas, que agravou a percepção de piora para a economia global. Nem mesmo a intervenção do Banco Central, com a venda de US\$ 500 milhões em operação no mercado à vista, segurou o movimento. A moeda saiu das máximas, mas acabou recuperando metade da queda.

*** Estagiário sob supervisão de Fabio Grecchi**

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 21/04/2020

Seção: Economia

Autor: Rosana Hessel

Título: Guedes otimista com retomada

O ministro da Economia, Paulo Guedes, demonstrou otimismo com a retomada da atividade brasileira após a recessão que está se formando devido à pandemia da Covid-19. Ele evitou dar números e falou que as previsões atuais são meros “chutes”, porque nenhum modelo econométrico consegue prever a intensidade e a duração da crise. Mas garantiu que o Brasil vai surpreender na retomada. “Os modelos econômicos estão equivocados”, disse ontem, em uma teleconferência organizada pelo BTG Pactual.

“Qualquer economista sabe que houve mudança do regime e todos os modelos não funcionam. Qualquer um que está fazendo previsão está pati-

nando em gelo fino”, afirmou. O ministro fez questão de ressaltar que, no começo do ano, antes de o coronavírus chegar ao país, o Produto Interno Bruto (PIB) fazia uma curva ascendente “enquanto o mundo estava desacelerando”.

Guedes apostou em uma recuperação mais acelerada, com a curva em V, ao contrário do que os economistas mais cuidadosos estão prevendo. “A nossa volta pode ser em V, e vamos surpreender o mundo. Ano passado, ninguém acreditava com a nossa capacidade de lidar com diferentes opiniões, e aprovamos a reforma da Previdência”, lembrou.

O ministro contou que tem respeitado as orientações de isolamento social, porque não entende de saúde e defendeu o distanciamento, ao contrário do presidente Jair Bolsonaro, que tem feito aparições em aglomerações no fim de

semana. Para ele, o importante é preservar os sinais vitais da economia e “não significa sair do isolamento”.

Reformas

Em relação às políticas para a retomada da economia, o ministro defendeu a volta das reformas, a simplificação de tributos e a facilitação dos investimentos, principalmente das concessões em infraestrutura. Ele criticou a concessão de áreas de exploração de petróleo pelo regime de partilha e garantiu que pelo menos duas privatizações devem acontecer logo que for possível.

Ele voltou a defender a desoneração da folha de pagamentos, apesar de admitir que a carga tributária é elevada e não há espaço para aumento de impostos. Guedes ainda reforçou a necessidade da aprovação de propostas que já estavam no Congresso, como o Pacto Federativo, a PEC dos Fundos, o novo marco regulatório do saneamento e o projeto de lei de autonomia do Banco Central.

O ministro demonstrou preocupação com o desequilíbrio fiscal das contas públicas, que devem piorar devido às medidas emergenciais que estão sendo adotadas para conter os efeitos da crise e defendeu um ajuste fiscal logo assim que a pandemia for controlada. Criticou, por exemplo, o projeto de lei que obriga a União a cobrir a perda de arrecadação de estados e municípios com tributos, uma conta que pode chegar a R\$ 220 bilhões, sem impor limites. Para o ministro, a proposta abre caminho para uma “farra fiscal”.

MME / ASCOM .